



A repercussão da deportação de Olga Benário na imprensa brasileira

The impact of deportation of Olga Benário in the press Brazilian

Leopoldo Leal Martins da Silva

Secundarista, Bolsista BIC da Pró-reitoria de Pesquisa do IFSUL
IFSUL – Brasil
leopoldomartins00@gmail.com

Gabriela Hahn Francisco

Secundarista, Bolsista BIC da Pró-reitoria de Pesquisa do IFSUL
IFSUL – Brasil
gabrielahahnf@hotmail.com

Charles Sidarta Machado Domingos

Doutor
Professor da IFSUL- Brasil
csmd@terra.com.br

Recebido em: 16/12/2016

Aprovado em: 16/03/2017

RESUMO: Este artigo aborda a década de 1930 no Brasil, tendo como problema central a deportação de Olga Benário para a Alemanha Nazista. Dentro das pesquisas sobre História do Brasil, acreditamos que esse tema é de extrema importância, pois ajuda a compreender e esclarecer as nuances do governo de Getúlio Vargas ao longo dos anos 30. O artigo utiliza como fontes primárias os periódicos *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*. A partir dessas fontes primárias analisamos como a grande imprensa brasileira da época representou a deportação de Olga para a Alemanha Nazista. Além desse objetivo principal, visamos abordar o governo de Getúlio Vargas e a sua rivalidade com Luís Carlos Prestes, importante líder do Partido Comunista do Brasil. Este artigo se preocupa em demonstrar como a nação percebeu a medida da deportação, pois Olga foi deportada em setembro de 1936 quando o país ainda não vivia a ditadura do Estado Novo.

PALAVRAS-CHAVES: Olga Benário, Governo Getúlio Vargas, Luís Carlos Prestes.

ABSTRACT: This article discusses the 1930s in Brazil, with the central issue the deportation of Olga Benário to Nazi Germany. Within the research on Brasil history, we believe that this issue is extremely important because as it helps to understand and clarify the nuances of the Getúlio Vargas government throughout the 1930s. The work uses primary sources *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*. From these primary sources analyzed as the great Brazilian press at the time represented the deportation of Olga to Nazi Germany. In addition to this main goal, we aim to address the government of Getúlio Vargas and his rivalry with Luís Carlos Prestes, senior leader of the Communist Party of Brazil. This article is concerned with demonstrating how the nation perceived the deportation measure, because Olga was deported in september of 1936 when the country still did not live the Estado Novo dictatorship.



KEYWORDS: Olga Benário, Getúlio Vargas government, Luís Carlos Prestes.

Introdução

Perseguidos pela polícia política do governo de Getúlio Vargas desde 1935, em razão de sua participação nos levantes antifascistas daquele ano, em 5 de março de 1936, Olga Benário e Luís Carlos Prestes foram presos na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República dos Estados Unidos do Brasil. A prisão de Olga e Prestes e a posterior deportação para a Alemanha nazista de Olga Benário são acontecimentos que marcaram a História do Brasil nas décadas de 1930 e 1940, estabelecendo relação com a política internacional daquele período.

A conjuntura nacional daquele tempo era a do governo Vargas em finais do período conhecido como Governo Constitucional (1934-1937) e ao longo do período conhecido por Estado Novo (1937-1945). Era um momento no qual movimentos políticos ganhavam proporções ainda desconhecidas na História do Brasil, tal como a Ação Integralista Brasileira (AIB), de caráter fascista, e a Aliança Nacional Libertadora (ANL) de inspiração antifascista. Ambos os movimentos tinham um grande número de adeptos e suas idéias causavam profunda repercussão na política nacional daquela década.

É importante também no estudo da História daquele período analisar se a imprensa jornalística brasileira da década de 30 tinha liberdade para tratar de assuntos que poderiam prejudicar o governo, mesmo antes da implantação da ditadura do Estado Novo em 10 de novembro de 1937. Por isso, o trabalho se preocupa fundamentalmente em compreender como o país percebeu a medida da deportação de Olga Benário em um momento em que o Brasil ainda não vivia a ditadura do Estado Novo.

Para tanto, as fontes primárias utilizadas nesse artigo são os jornais *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*, ambos do Rio de Janeiro. Escolhemos esses periódicos em particular em razão de estarem disponibilizados *on-line* na Hemeroteca da Biblioteca Nacional e pela relevância que tinham para o período. Ambos os periódicos faziam parte de uma nova concepção de jornalismo no Brasil, iniciada ao redor dos últimos anos do século XIX e primeiros do século XX, caracterizada como “grande imprensa” por Nelson Werneck Sodré¹. O jornal *Correio da Manhã* foi fundado em 1901 e era diário e matutino. Originalmente, seu público fazia parte principalmente das camadas médias urbanas; contudo, na década de 1930, o filho do fundador do jornal assume

¹ SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010, p. 93.



o controle da empresa e realiza uma reformulação com a intenção de ampliar o público de seu jornal passando a contar também com um público de maiores ganhos financeiros². Já o jornal *Diário de Notícias* fora fundado em 1930 e tinha duas edições diárias; originalmente, apoiava o governo Vargas, a tal ponto que ficara conhecido como “o jornal da Revolução”, mas passou a apoiar a oposição a partir de 1933. Disputava a mesma faixa de público que o *Correio da Manhã*, seu principal concorrente; para tentar se diferenciar, classificava o adversário como “jornal de elite”³.

Nossa pesquisa privilegia os jornais daquele tempo enquanto fonte primária. Através de nossa investigação naqueles documentos, pretendemos entender como foi representada pela grande imprensa a deportação de Olga Benário para a Alemanha nazista. Contudo, como alerta Charles Domingos, “não existe um método único para o trabalho com jornais. Cada pesquisa tem suas especificidades. Cada objeto demanda uma forma de tratamento. Por vezes o mesmo objeto, em conjunturas diversas, precisa ser analisado de formas distintas”⁴.

Em razão disso, partiremos do conceito de Cláudio Pereira Elmir de “leitura intensiva”. Para Elmir, o historiador não pode trabalhar com o jornal como se estivesse se inteirando das notícias, como se estivesse se informando – o que Elmir trata por “leitura extensiva”. De acordo com o autor, é imprescindível que o historiador faça uma “leitura intensiva”, na qual “a qualidade desta leitura é distinta, porque a leitura deve ser meticulosa, deve ser demorada, deve ser exaustiva – e muitas vezes é mesmo enfadonha”⁵.

Além disso, o mesmo autor coloca que o historiador deve buscar a “regularidade” no trato da fonte, para precaver-se de realizar uma análise com base em um fragmento único – ou poucos fragmentos – capaz de comprometer a análise do trabalho. Por isso, Elmir vaticina que “em pesquisa com jornal, a análise do maior número deve ser a primeira garantia para o não cometimento do erro; ainda que não seja toda a garantia”⁶.

²SODRÉ. **História da imprensa no Brasil**.

ANDRADE, Jeferson Ribeiro. **Um jornal assassinado: a última batalha do Correio da Manhã**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991, p. 58-64.

³PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. *Diário de Notícias: a luta por um país soberano*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2006, p. 9-16.

⁴DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **O Brasil e a URSS na Guerra Fria: a Política Externa Independente na imprensa gaúcha**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010, p. 43.

⁵ELMIR, Cláudio Pereira. As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica. In: *Cadernos do PPG em História da UFRGS*. Nº 13. Porto Alegre: dezembro de 1995, p. 21.

⁶ELMIR. **As armadilhas do jornal**, p. 23.



Outro ponto importante no trabalho com as fontes de imprensa está relacionado com a disposição espacial do jornal – bem como pela sua diagramação. Através desse aspecto é possível perceber uma tendência na seleção das notícias pelo jornal – claro que sem desconsiderar o grau de aleatoriedade existente nos jornais.

Sobre a diagramação como produto final no jornal, Tânia de Luca adverte o historiador de que “é importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural”⁷. Assim, o historiador tem de estar sempre atento às razões que levam determinada informação a ser publicada justamente naquele espaço do jornal – pois estas foram escolhidas por alguém, e não por forças exteriores a vontade humana (mesmo que os propósitos sejam os mais variados para isso).

Entendendo a “grande imprensa”, então, como dotada de um interesse de tentar intervir na vida social, pretendemos perceber as formas pelas quais a deportação de Olga Benário foi representada no *Correio da Manhã* e no *Diário de Notícias*, ambos jornais de grande circulação e prestígio na capital da República de então, a cidade do Rio de Janeiro. Para tanto, nos valeremos metodologicamente da “leitura intensiva” de todas as edições do jornal no mês de setembro, outubro e novembro de 1936 – na busca de uma regularidade –, realizando a crítica externa do jornal e a crítica interna, notadamente em relação à disposição espacial do jornal e de sua diagramação.

Além da análise das fontes jornalísticas, nossa metodologia também prevê o cruzamento de informações com a bibliografia especializada, pois acreditamos ser de extrema importância entender a conjuntura na qual Olga Benário estava inserida. Olga não deve ser considerada apenas “a mulher de Prestes” - como inicialmente era retratada pelos jornais - pois tomou a frente em várias lutas em apoio ao socialismo (fazendo parte do Partido Comunista Alemão desde sua juventude) e liderou ações revolucionárias em diversos países até ser aprisionada pelo governo brasileiro e enviada para um campo de concentração nazista onde acabou sendo tragicamente morta aos 34 anos, em 1942.

⁷LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 132.



Os anos 30 no Brasil

Os reflexos da queda da Bolsa de Nova Iorque e a crise do capitalismo promoveram o enfraquecimento do liberalismo no mundo durante a década de 1930⁸. As economias dos países capitalistas demoraram a se recuperar, o que ocasionou um alto índice de desemprego. Na Europa capitalista isso não foi diferente: os efeitos políticos da crise geraram o descrédito da democracia e do liberalismo econômico, fazendo com que os governos nazifascistas ganhassem a cada dia mais adeptos, contribuindo para que em 30 de janeiro de 1933, Hitler fosse nomeado chanceler alemão⁹.

No Brasil, não foi diferente. A crise gerou uma grande insatisfação popular com o governo. Washington Luiz, o então presidente do Brasil, foi deposto em 24 de outubro de 1930, por um movimento liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul em oposição à República “Velha”. Consagrado pela historiografia como Revolução de 1930, nesse movimento os militares passaram o poder para Getúlio Vargas, pondo um fim no governo dominado pela oligarquia cafeeira e impedindo a posse do presidente eleito em 1 de março de 1930, Júlio Prestes. Com o incentivo de Vargas, a indústria apresentou um grande avanço no Brasil; sem, no entanto, desconsiderar a importância da produção de café para a obtenção de divisas internacionais.

O Governo Provisório (1930-1934) foi marcado pela forte presença dos tenentes, mediante a grande importância que eles tiveram na decisão da consolidação da Revolução de 1930. Em sua maioria, os representantes mais influentes das alas militares que apoiaram Getúlio conseguiram interventorias estaduais. Esse ato tinha como objetivo invalidar a ação dos antigos coronéis e sua influência política regional.

Em 1934, uma nova Constituição trouxe uma perspectiva de transformações na vida de grande parte do povo brasileiro, criando as bases da legislação trabalhista e, também, legalizando o voto secreto e o voto feminino. Assim, com o apoio da maioria do Congresso, Getúlio Vargas conquistou mais alguns anos como presidente do Brasil.

Esse segundo mandato, conhecido como Governo Constitucional (1934-1937), foi marcado por grandes manifestações de ruas, algo inédito no Brasil até então, e bem marcadas

⁸HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 106-110.

⁹SALINAS, Samuel Sérgio. **Antes da tormenta**: origens da Segunda Guerra Mundial (1918-1939). Campinas: Editora da Unicamp, 1996, p. 37.



ideologicamente, como produto daquele tempo. Ao entorno da AIB e da ANL, grandes contingentes das camadas médias urbanas levaram a política dos gabinetes para as ruas.

De um lado, estava a AIB, que era inspirada no fascismo italiano, na qual os integralistas tinham como base em sua organização assuntos conservadores, como a família, os costumes do país e a Igreja Católica¹⁰. Fundada em 1932, tendo como expoentes Plínio Salgado e Gustavo Barroso, se torna um partido político em 1935¹¹.

Entre suas principais diretrizes, estava o anticomunismo. Luciano Barbian sintetiza a AIB da seguinte maneira:

Marcada por um nacionalismo radical, por um anticomunismo ferrenho e por uma postura antiliberal, a AIB se constituiu em um movimento de caráter extremamente conservador, que visava um governo de características totalitárias tendo por objetivo a implantação do “Estado Integral”, que defenderia os valores cristãos contra o comunismo e o liberalismo, que são vistos como duas formas do materialismo.¹²

Embora os integralistas também se opusessem ao capitalismo internacional, o eixo maior de suas preocupações era o comunismo, pois “para o Integralismo o antiliberalismo só pode ser compreendido levando em consideração que o liberalismo é considerado como uma ante sala de comunismo, este sim que representaria o grande inimigo dos integralistas por ser considerado como a principal ameaça à família, a pátria e à religião”¹³.

No lado oposto aos integralistas, surgia, em 30 de março de 1935, a ANL, movimento popular inspirado na noção de frente anti-fascista e que tinha escolhido Luís Carlos Prestes como presidente de honra. Formada por amplos setores da sociedade, como militares, profissionais liberais, operários, estudantes, membros de organizações feministas e culturais, a ANL se opunha ao Integralismo e ao Nazismo e almejava a independência nacional através da

¹⁰MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 41-43.

¹¹SILVA, Rogério Souza. A política como espetáculo: a invenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê. In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 25, n. 50, dezembro de 2005, p. 64.

¹²BARBIAN, Luciano. **A Ação Integralista Brasileira**. 28 f. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Monografia (Técnica de Pesquisa em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004, p. 2.

¹³BARBIAN. **A Ação Integralista Brasileira**, p. p. 6.



luta contra o imperialismo e o latifúndio e na defesa da democracia para o país. Embora houvesse quadros do PCB na ANL, eles não detinham a hegemonia no movimento¹⁴.

Contudo, na data em que se celebravam os levantes tenentistas, dia 5 de julho de 1935, Luís Carlos Prestes emitiu uma declaração de apoio à ANL, na qual encorajava uma revolução em oposição ao governo. Este foi o estopim para que na data de 11 de julho de 1935, a Aliança Nacional Libertadora fosse colocada por Vargas na ilegalidade com base na Lei de Segurança Nacional, conhecida por Lei Monstro, que define os crimes contra a ordem política e social¹⁵.

Assim, a situação se modificaria na Aliança Nacional Libertadora:

O discurso de Prestes serviu de pretexto para o fechamento da ANL, que tentou sobreviver na ilegalidade. Como não é possível existir um movimento de massas ilegal, a Aliança esvaziou-se e a partir daí Prestes e o PCB passaram a dominar a organização. Prestes intensificou o contato com ex-camaradas, deixando clara a pretensão de continuar a luta iniciada com a coluna.¹⁶

Em razão disso, os membros do Partido Comunista Brasileiro lideraram um movimento para manter a ANL ativa mesmo que na clandestinidade. Em pouco tempo, os aliancistas organizaram uma tentativa de insurreição contra Vargas, que ficou conhecida, pejorativamente, como Intentona Comunista.

Unidos por um único ideal

Embora com diferenças acentuadas, tanto o Nazismo na Alemanha como o integralismo no Brasil tinham como objetivo combater os defensores de pensamento de esquerda - e o anticomunismo era elemento central em seus projetos político-ideológicos. No Brasil, o governo de Getúlio Vargas estabeleceu alguns níveis de relação com líderes integralistas, além de manter estreitas relações com a Alemanha nazista em razão do anticomunismo comum aos dois governos:

Foi justamente a partir do ano de 1936 que as relações entre Brasil e Alemanha intensificaram-se ainda mais, quando as embaixadas foram criadas em suas respectivas capitais. A aproximação já não se fazia exclusivamente no sentido de aprofundamento das relações comerciais, mas também no que diz respeito a interesses político-ideológicos, como o combate ao comunismo, por exemplo. Após o Levante Comunista de novembro de 1935, a colaboração alemã nesse

¹⁴ VIANNA, Marly de Almeida. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 81-82.

¹⁵PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 123.

¹⁶VIANNA. **O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935**, p. 87.



sentido tornou-se bastante interessante ao governo brasileiro, que sugeriu acordos de cooperação anti-comunista entre os dois países.¹⁷

Entretanto, se os reflexos da quebra da bolsa de Nova Iorque e a crise do capitalismo promoveram um crescimento das idéias fascistas também foram indutoras de idéias socialistas, que rapidamente chegaram ao Brasil. Assim as duas correntes ideológicas ganharam força no país. Se a AIB representava os interesses dos grupos políticos mais vinculados a idéia de autoritarismo, a ANL tinha, mesmo que de forma bastante fluida, a idéia da defesa ante a ameaça fascista:

A formação da ANL insere-se no panorama mundial de resistência ao avanço de fascismo e de criação de frentes populares [...] a Aliança expressou as insatisfações generalizadas surgidas na sociedade (em particular com os resultados do Governo Vargas), que se concretizaram no programa antiimperialista, antilatifundista e antifascista levantado pelo PCB, com apoio da Internacional Comunista.¹⁸

Assim, o “Cavaleiro da Esperança” retornou para o Brasil na companhia de uma segurança pessoal, Olga Benário - ambos com passaportes falsos - para que Prestes não fosse reconhecido quando chegasse ao seu país. Olga e Prestes percorreram parte da Europa e logo após foram para a América. Luis Carlos Prestes esclareceu a má elaboração das identidades falsas, e lembrou que até a própria Olga Benário protestou contra esses documentos.

Sáímos com documentos muito ruins. Era impossível viajar com aqueles documentos. [...] Ali, na Europa, dava, ainda era possível. Mas vir aqui, para a América Latina, era um perigo. Eram documentos espanhóis, todos riscados, muito malfeitos, de maneira que a própria Olga protestou contra esses documentos. E eles ficaram, então, de mandar uma pessoa a Paris para nos levar documentos melhores. Nós esperamos em Amsterdã algum tempo. Não veio, passamos a Bruxelas. Já estávamos havia alguns dias, quinze dias, em Amsterdã. Em Bruxelas, ficamos também uma semana e resolvemos ir a Paris para ver se era possível receber os documentos.¹⁹

Olga e Prestes chegaram ao Brasil em abril de 1935, vivendo clandestinamente na cidade do Rio de Janeiro. Auxiliado por Olga, Prestes se torna o principal líder do movimento antifascista no Brasil, colaborando na organização da insurreição armada em oposição ao governo Vargas, a qual tinha o compromisso de instaurar no país um governo Popular Nacional Revolucionário, representando as forças sociais e políticas agregadas na ANL.

¹⁷GAK, Igor. Estratégias do consenso: a política cultural exterior alemã para o Brasil durante o Estado Novo (1938-1942). In: FERREIRA, Jorge (org.). **As Repúblicas no Brasil**: política, sociedade e cultura. Niterói: EdUFF, 2011, p. 51.

¹⁸PRESTES. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora**, p. 74.

¹⁹Luís Carlos Prestes *apud* PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes - Um comunista brasileiro**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015, p. 159.



Vargas planejava fechar a organização, pois temia o crescimento acelerado, como também temia a popularidade do presidente de honra da ANL. A solução encontrada por Getúlio Vargas foi a aprovação da primeira Lei de Segurança Nacional do Brasil:

Enquanto o governo se precavia, fazendo aprovar pelo Congresso uma legislação repressiva e inovadora – uma Lei de Segurança Nacional até então inexistente, e por isso denominada pelas esquerdas e pela ANL de Lei Monstro –, multiplicavam-se os choques violentos entre integralistas e aliancistas, e também o descontentamento entre os trabalhadores urbanos e os militares. Nas alturas do Estado e da sociedade, como expressão desse processo, articulavam-se conspirações e projetos de golpes.²⁰

Mesmo após as atividades serem dadas como encerradas na ANL, em virtude de sua ilegalidade, os integralistas continuavam fazendo grandes manifestações contra os aliancistas, enfatizando a existência de comunistas em suas fileiras. O clima é de instabilidade política no país. E nessa conjuntura é que ocorrerão as insurreições de novembro de 1935, com o objetivo de derrubar o presidente e tomar o poder do país e que passaram a ser conhecidas, pejorativamente, como Intentona Comunista.

Essa conspiração militar ficou a cargo de grupos tenentistas, que eram membros do partido. A insurreição ocorreu mesmo com a diversidade de vários participantes do PCB, que desacreditavam em uma revolta armada contra o governo de Vargas. Assim, em 23 de novembro de 1935, contrariando as definições da direção do PCB, a rebelião estourou inesperadamente em Natal, no dia 23, e em Recife, no dia 24.

O movimento realizado foi procedido por um telegrama falsificado, que foi enviado para os membros da ANL na capital do Rio Grande do Norte pela polícia do Rio de Janeiro. O governo de Vargas acompanhou os levantes, ciente do que estava havendo, sem interferir na realização da insurreição, porém impediu que o comando do Rio de Janeiro, então capital do Brasil, tivesse conhecimento da mesma.

Dessa forma, as informações dos levantes do nordeste demoraram quatro dias para chegar aos comandos cariocas. O governo preparou armadilhas para ter rápido controle do movimento no Rio de Janeiro, porém não impediu a eclosão do mesmo, que ocorreu por ordem de Luís Carlos Prestes, havendo confrontos dos quais resultaram várias mortes e levando esse movimento ao fracasso.

²⁰REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes** - Um revolucionário entre dois mundos. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014, p. 117.



Após os levantes de 1935, a repressão policial contra os comunistas se desencadeia. Na noite de 5 de março de 1936, Prestes e Olga são presos no bairro do Meyer, no Rio de Janeiro, por ordem de Getúlio Vargas. O capitão Filinto Müller tentou matar Prestes, mas Olga se interpôs entre Filinto e Prestes, impedindo a morte do mesmo. Logo após o ocorrido, o casal foi preso. Olga foi levada para a polícia central para depor sobre sua verdadeira identidade, enquanto Prestes fora para uma prisão do Rio de Janeiro.

A judia comunista é notícia

Aproximadamente dois meses após a prisão de Luís Carlos Prestes e Olga Benário, um dos temas que mais intrigavam os jornais – assim como a polícia do capitão Filinto Müller e o governo Vargas – era descobrir a verdadeira identidade daquela mulher que era lembrada apenas como “A Companheira de Prestes”:

A companheira de Prestes: Conhecida a sua identidade e seu verdadeiro nome. Olga Meirelles ou Maria Bergner Villar ou Maria Prestes, a companheira do ex-capitão.

Está ainda na lembrança de todos a rumorosa prisão de Luiz Carlos Prestes, em uma manhã, no começo de março deste ano, na casa n. 279 da rua Honório. Na diligência ali realizada, não só Luiz Carlos Prestes foi preso, mas também uma sua companheira, que, ouvida pelo delegado Bellens Porto, declarou chamar-se Maria Prestes e ser casada com o militar preso. Da identidade della pouco conhecia a polícia e a companheira de Prestes afirmava ser brasileira por se ter casado com brasileiro. Posteriormente, as nossas autoridades enviaram as polícias dos vários países do continente e da Europa as fichas dactyloscópicas e o retrato de Maria Prestes, para que fosse conseguida sua verdadeira identidade. Após algum tempo decorrido, chegaram informações completas sobre a companheira inseparável de Prestes. Nascida em Munich no ano de 1908, conta ella presentemente 28 anos de idade, sendo seu verdadeiro nome Olga Benário. [...] Em Moscou, onde esteve com o nome de Eva Gruger, exerceu sua actividade no Komintern. Agitador desde 1921, Otto Bauer, seu amante, foi deputado ao Reichstag, e chefe do partido comunista da Turingia. Usa ella os nomes de Olga Meirelles, Yvone Villar, Maria Villar, Eva Gruger, Maria Bergner e Maria Prestes.²¹ (Grifos no original)

O que a notícia do *Correio da Manhã* não deixa claro, no entanto, é a procedência das “informações completas” sobre Olga Benário. Havia, já naquele momento, um acordo diplomático entre o governo de Vargas e a Alemanha Nazista que “previa troca de informações sobre movimentações comunistas internacionais e intercâmbio de experiências entre a polícia política brasileira e alemã (Gestapo)”²².

²¹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 de mai. 1936, p. 3.

²² GAK. **Estratégias do consenso**, p. 51.



Foram veiculadas três notícias no *Correio da Manhã* entre as datas de 1º a 20 de maio de 1936: essas matérias falavam sobre o nascimento de Olga em Munique, Alemanha, em 1908; a vida de agitadora comunista a serviço da Komintern; e as aventuras ao lado do então namorado Otto e da vinda ao Brasil até a prisão na rua Honório, no Rio de Janeiro. O *Correio da Manhã* publicou longas notícias descritivas sem, contudo, acusar Olga ou enaltecer seus atos. Postura bastante diversa do jornal *Diário de Notícias*.

O *Diário de Notícias* não tardou a publicar uma matéria sobre a verdadeira identidade da “*Companheira de Prestes*”, e isso se deu no lugar mais nobre de um jornal: a capa. Com a seguinte titulação: “Esclarecida a identidade de Olga Bergner: Nascida em Munich usava vários nomes em serviço da Komintern”, o jornal trazia uma longa e, também, descritiva matéria sobre aquela mulher que mantinha relações com o “Cavaleiro da Esperança”:

Luiz Carlos Prestes, ao ser preso, tinha em sua companhia uma mulher bem falante e calma, que declarou na polícia chamar-se Maria Bergner, ser brasileira e esposa legítima daquele militar.

Realmente no passaporte apreendido pelas autoridades e com o qual o casal chegou no Rio, figura o nome della como sendo aquella, ao lado de Antonio Villar, o usado por Carlos Prestes.

A polícia, entretanto, diligenciou no sentido de apurar a sua verdadeira identidade e hontem chegou ao fim desejado, sabendo chamar-se ella Olga Benário e ter nascido em Munich, em 1908, contando, portanto, presentemente, 28 annos de idade.

Além disso, foi ainda a nossa polícia informada com segurança de que Olga trabalhou na Delegação Commercial Sovietica de Berlim, de 1926 a 1928, tendo sido condenada a trez mezes de de prisão, em 1929, por haver facilitado a fuga de Otto Bauer, da prisão de Moabit.[..] Em Moscou, Olga esteve a serviço da Komintern, usando então o nome de Eva Gruger.[..] Olga, além dos nomes já citados, usava ainda os seguintes: Olga Meirelles, Olga Villar, Yvone Villar e Maria Villar.

Junto a Carlos Prestes, Olga agia por conta do Komintern, como também ficou esclarecido.²³

A notícia, além de ocupar um amplo espaço na capa do jornal, trazia uma imagem de meio corpo de Olga, que fora obtida na delegacia no momento do depoimento. Contudo, o mais oportuno de se analisar é a legenda abaixo da foto: “Olga Benário, a perigosa extremista presa em companhia de Luiz Carlos Prestes e de quem só agora se conhece a verdadeira identidade”²⁴. Em letras nitidamente maiores do que a descrição da notícia, mas menores que as letras do título e do subtítulo, o *Diário de Notícias* repassa ao leitor a informação de que Olga Benário, nada mais seria

²³ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 de mai. 1936, capa.

²⁴ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 de mai. 1936, capa.



do que uma perigosa extremista comunista, estabelecendo uma associação, para o leitor, na qual o levante antifascista de 1935 seria algo que punha os ideais da nação em risco.

Outro fato que vale ressaltar é que o periódico, *Diário de Notícias*, em nenhum momento acusou Luís Carlos Prestes de ser um elemento nocivo a ordem do país, como Olga fora acusada. Fato que talvez seja explicado pelo motivo de que após a Coluna Prestes, o “Cavaleiro da Esperança” foi muito aclamado no cenário político brasileiro. E culpabilizando Olga, o jornal não se indisporia com todos aqueles que mantinham, mesmo após a Intentona, uma admiração por aquele que detinha a imagem de ter sempre lutado em favor dos anseios de seu povo.

No dia 17 de maio, os jornais também publicaram notícias falando sobre o depoimento de Olga Benário que havia acontecido no dia anterior na Delegacia Central de Polícia. Segundo o *Diário de Notícias*, Olga “não prestou declarações, mas foi identificada com o seu legítimo nome”²⁵.

Em 20 de maio, os dois periódicos, traziam novas informações sobre o caso. No *Correio da Manhã*, lia-se:

Novamente na policia a companheira de Prestes: Prepara-se o processo para sua expulsão.

Após a prisão de Luiz Carlos Prestes e sua companheira duvidas surgiram sobre a verdadeira identidade desta, que, interrogada pelo delegado Belens Porto declarou chamar-se Maria Prestes, casada com o militar preso e de maior de idade. Apesar de suas declarações, Maria Prestes, como diz chamar-se não provou cabalmente seu estado civil. [...] Mais tarde, e esta folha noticiou, chagavam as mãos da nossa policia, informações completas sobre a inseparavel companheira de Luiz Carlos Prestes. Seu verdadeiro nome era Olga Benário, natural da Allemanha e ali exercera sua actividade comunista, tendo sido amante de um grande agitador, presa por ter lhe facilitado a fuga e esteve depois, na Russia. De posse de todos os elementos que desejava, a policia prepara agora, o processo de expulsão de Olga Benário. Hontem, trazida da Casa de Detenção, onde se acha recolhida, foi ella conduzida á 1ª delegacia auxiliar. No cartorio daquela delegacia o sr. Democrito de Almeida, fez diversas perguntas a Olga, que, mais uma vez, deu o nome de Maria Prestes e disse ser brasileira. [...] Cerca de 4 horas da tarde, Olga voltou novamente para o presídio da rua Frei Caneca.²⁶ (Grifos no original)

E, novamente, o *Diário de Notícias* dava uma enorme atenção ao fato, publicando novamente na capa, em letras grandes, o título “*A companheira de Prestes?*” acompanhado de uma foto de Olga Benário com o interrogador da polícia – mesma imagem do *Correio da Manhã*

²⁵ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 17 de mai. 1936, capa.

²⁶ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 20 de mai. 1936, p.4.



naquela mesma data - o jornal fazia com que os seus leitores fossem atraídos pelo episódio, que vinha ganhando a cada dia mais cobertura. A notícia retrata a conversa de Olga com o delegado:

[...]- E a sua nacionalidade?

A essa pergunta do delegado Olga respondeu prontamente:

-Brasileira.

-Brasileira?!

-Sim, pois sou casada com um brasileiro.

[...] Assediada pelos jornalistas negou-se a prestar-lhes qualquer informação.²⁷

Lendo a nota na íntegra, percebe-se que há um detalhamento de informações muito maior em comparação as outras notícias que foram publicadas no mesmo dia pelo *Correio da Manhã*. O *Diário de Notícias* abordou praticamente as mesmas questões que o *Correio da Manhã*. Contudo, o que chama a atenção é o diálogo que é retratado no jornal *Diário de Notícias* entre Olga Benário e o delegado. Também convém analisar a última frase da matéria: “Assediada pelos jornalistas negou-se a prestar-lhes qualquer informação”. Retratando esse fato, o jornal passava ao leitor a grande repercussão do mesmo pelo meio jornalístico. Fatos, esses, que não foram retratados no *Correio da Manhã*. Diferente da notícia do dia 1º de maio, a matéria publicada no dia 20 não se detinha em denunciar o perigo do movimento extremista, e sim as medidas que estavam sendo tomadas para agilizar o processo de extradição de Olga para o seu país de origem, a Alemanha.

A evidência dada à luta contra os extremistas no *Diário de Notícias* era bastante ampla. Um exemplo disso é a notícia veiculada pelo jornal na data de 27 de maio:

Na 1.ª delegacia auxiliar estão quasi terminados os processos de expulsão das extremistas Olga Benário, Elise Augusta Ewert e Carmem Ghioldi aqurlla de Harry Berger e a primeira companheira de Carlos Prestes. Hontem o dr. Democrito de Alemida delegado que preside os processos officiou ao diretor da Casa de Detenção, communicando ter concedido o prazo de cinco dias para a expulsanda Elise apresentar a sua defesa.[...] Terminado esse prazo serão as três extremistas embarcadas para seus paizes de origem.²⁸

Emitindo a palavra “agindo contra os extremistas” de título, o jornal remete ao comunismo, que na notícia não é mencionado, mas o leitor que havia acompanhado as notícias anteriores que foram publicadas conseguiria perceber o sentido que o enunciado queria remeter. Vale lembrar que o anticomunismo no Brasil era bastante intenso desde a Revolução Russa tendo surgido “espontaneamente, gerado pelo medo ou pela insegurança”²⁹. Na data de 31 de maio de

²⁷ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 de mai. 1936, capa.

²⁸ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 27 de mai. 1936, capa.

²⁹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. XX.



1936, o periódico *Diário de Notícias* veiculou em sua segunda página uma notícia com a seguinte manchete: “Olga Benário escolhe o advogado para tratar da sua defesa”³⁰. A notícia relatou que Olga havia mostrado interesse de ter a sua defesa pleiteada pelo advogado Heitor Lima. Também relatava que o Dr. Heitor Lima respondeu de forma afirmativa a carta, enviada a ele pelo capitão Miranda Corrêa, delegado especial de Segurança Política e Social, dando ciência e solicitando-o se aprovava o compromisso. No dia anterior, o periódico *Correio da Manhã* havia publicado em sua terceira página uma notícia com a seguinte titulação: “Um pedido de Olga Benário ao dr. Heitor Lima por intermédio da delegacia de segurança política”³¹. Ambas as notícias continham basicamente as mesmas informações, porém, a do periódico *Correio da Manhã* era mais detalhada, contendo como, por exemplo, o que diziam as cartas enviadas por Miranda Corrêa e Heitor Lima.

O pedido de defesa e habeas-corpus solicitado por Olga e seu advogado, o Dr. Heitor Lima, foram retratados nos jornais *Correio da Manhã* e *Diário de Notícias*. O jornal *Diário de Notícias*, na data de 18 de junho de 1936, publicou uma notícia intitulada: “A expulsão da companheira de Luiz Carlos Prestes: Por unanimidade de votos, a Corte Suprema negou o “habeas-corpus” em favor de Olga Benário”³², na qual relatava que no dia anterior havia sido realizado o julgamento do habeas-corpus a favor de Olga Benário, na Corte Suprema. Após o ministro Edmundo Lins ter dado a sessão como aberta, foi lida e aprovada a ata da sessão anterior, assim entrando em julgamento o habeas-corpus.

Depois de lida e aprovada a acta da sessão anterior, entrou em julgamento o habeas-corpus impetrado pelo advogado Heitor Lima a favor de Maria Prestes, para que a paciente não fosse expulsa do Brasil, embora esteja incursa na Lei de Segurança Nacional.

Foi relator o ministro Bento de Faria que, em longo parecer, citou as razões por que deixava de tomar conhecimento do habeas-corpus, em tempo de estado de guerra.

O voto do ministro Bento de Faria foi vencido na preliminar. Concedida a palavra ao advogado Heitor Lima, o conhecido causídico falou cerca de 45 minutos, sustentando o pedido.³³

Durante sua sustentação oral, o Dr. Heitor Lima usou como principal justificativa para a permanência de Olga no Brasil o seu adiantado estado de gravidez, alegando, assim, que a mesma não poderia ser expulsa do território nacional, por direito garantido pela própria Constituição³⁴.

³⁰ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 31 de mai. 1936, p.2

³¹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 de mai. 1936, p. 3.

³² *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1936, capa.

³³ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1936, capa.

³⁴ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1936, p.3.



Após isso, o ministro Edmundo Lins, então presidente da Corte Suprema, deu início a votação do habeas-corpus. Por unanimidade de votos, foi negado o pedido, sendo o principal motivo o estado de guerra no país: “[...] foi indeferido, por unanimidade de votos, o habeas-corpus a favor de Maria Prestes, que também, usa vários nomes, entre os quais o de Olga Benário. Em face da decisão da Corte Suprema, Maria Prestes será expulsa do Brasil”³⁵.

No mesmo dia, foi veiculada pelo periódico *Correio da Manhã* uma nota com a seguinte manchete: “A expulsão de Maria Prestes debatida na Corte Suprema: Por unanimidade, foi denegado o habeas-corpus requerido pelo advogado Heitor Lima”³⁶, abordando o mesmo assunto presente no *Diário de Notícias*; porém, dando uma maior ênfase. A notícia ocupava quase duas colunas inteiras da página, sendo dividida em oito subtítulos: “O ‘habeas-corpus’ a favor de Maria Prestes, Fala o Sr. Heitor Lima, O voto do relator, Vota o Sr. Carlos Maximiliano, Votos syntheticos, Vota o Sr. Costa Manso, Como votou o Sr. Carvalho Mourão e Os tres votos restantes”³⁷. A nota era muito extensa e detalhada, principalmente em relação aos votos e à fala do Dr. Heitor Lima. Também continha uma grande imagem de corpo todo de Olga Benário, de quando a mesma esteve na Chefatura de Polícia.

Em 29 de Agosto o *Diário de Notícias* publica a matéria:

Expulsa a Companheira de Luiz Carlos Prestes.

O presidente da Republica assignou decreto na pasta da Justiça, expulsando do território nacional, por se ter constituido elemento nocivo aos interesses so paiz e perigoso á ordem publica, a allemã Maria Bergner Villar, que também usa os nomes de Frieda Wolff Behren, Olga Bergner, Olga Benário, Olga Meirelles, Maria Prestes e Erna Kruger.³⁸

Na mesma data, lia-se no *Correio da Manhã*:

Maria Prestes vae deixar o território nacional: Assignado hontem pelo presidente da republica o decreto de expulsão.

A irrupção do movimento de 27 de novembro do ano passado no quartel de extinto 3º regimento de infantaria e na Escola de Aviação, dominado em poucas horas pelas forças do governo, evidenciou as actividades communistas com que os seus principaes elementos prepararam o golpe para subverter o regimen. [...] A polícia trabalhou exhaustivamente após ser dominado o surto revolucionario do anno passado para descobrir o paradeiro de Prestes que se sabia achar-se em territorio nacional. [...] E assim durou esse trabalho da Delegacia Especial de Segurança Política e Social varios mezes ate que na manhã do dia 5 de maio deste anno pôde a polícia surprehender Luiz Carlos Prestes na casa n. 279 na rua Honorio. E com elle foi presa sua companheira,

³⁵ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1936, p.3.

³⁶ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1936, p.5.

³⁷ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de jun. 1936, p.5.

³⁸ *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 de agost. 1936, capa.



Maria Prestes, que interrogada pelas autoridades declarou ser brasileira e casada com o militar revolucionário. Posteriormente, o capitão Mirando Corrêa enviava a todas as políticas do mundo a photographia e as individuaes dastyloscópicas da companheira de Prestes e em pouco chegavam as informações da Allemanha de onde é ella originaria. Apurou-se então que seu verdadeiro nome era Olga Benário que comparecera naquelle paiz destacada acção na propaganda do communsmo, sendo representante do Partdo no congresso de Moscou. O chefe de Policia determinou se fizesse o processo de expulsão de Olga Benário, delle ficando incumbido o sr. Democrito de Almeida, 1º Delegado auxiliar. [...] O caso chegou agora a seu termo. Por decreto de hontem, na pasta de Justiça, o presidente da Republica assignou a expulsão de Olga Benário por se ter constituido elemento perigoso á ordem publica e nocivo aos interesses do paiz[...].³⁹

Diferentemente do *Diário de Notícias*, o periódico *Correio da Manhã* publica uma longa matéria sobre a deportação que ali havia sido concluída. Os dois jornais publicaram as suas notícias com imagens de meio corpo de Olga. A notícia do *Correio da Manhã* fazia um histórico sobre tudo o que ela havia passado no país, Brasil. A do *Diário de Notícias* trazia somente uma nota, bem pequena, apenas esclarecendo a expulsão de Olga Benário de nosso território, o que é muito peculiar, pois o *Diário de Notícias*, geralmente apresentava matérias mais longas e mais críticas.

Olga fora deportada nos últimos dias de setembro de 1936. Com ordem para não parar em nenhum porto de países europeus, o navio ao qual Olga estava a bordo tinha um destino certo: a Alemanha nazista de Adolf Hitler.

Considerações finais

Concluimos que a imprensa jornalística brasileira da década de 1930 apresentou a deportação de Olga Benário para a Alemanha Nazista, em 23 de setembro de 1936, publicando matérias sem condenar a iniciativa do presidente em exercício Getúlio Vargas mesmo após vários segmentos da sociedade brasileira e internacional se manifestarem em prol da permanência de Olga Benário no país⁴⁰.

Nas notícias veiculadas pelo *Diário de Notícias* a evidência dada à deportação foi ampla. O periódico não procurava manter uma posição de aparente neutralidade e em suas matérias deixava claro que considerava Olga Gutmann Benário como uma “perigosa estrangeira que punha a nação e os interesses do país em risco”. Diferentemente do *Diário de Notícias*, o jornal *Correio da Manhã* preferia noticiar apenas o caso e as medidas que vinham sendo tomadas a cada

³⁹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 de agosto. 1936, p.3.

⁴⁰ MORAIS, Fernando. **Olga**. Rio de Janeiro: Companhia das letras, 1994.



dia sobre o processo de reconhecimento de identidade, os interrogatórios que estavam sendo feitos e o processo de deportação. O jornal, em nenhum momento, expôs sua opinião, o que é atípico, pois na história do periódico ele sempre é lembrado como o “jornal de crítica” do país. O *Correio da Manhã* em nenhum momento acusou Olga Benário ou a enalteceu por sua conduta, suas matérias sempre remetiam ao passado da revolucionária. Em muitas notícias, o periódico, se preocupava em esclarecer quem era aquela mulher que se dizia casada com o “Cavaleiro da Esperança”.

Além disso, nas notícias publicadas nos jornais, em muitos casos, traziam muitas informações repetidas impossibilitando, assim, uma melhor compreensão dos fatos. Na comparação entre jornais conseguimos perceber que o *Diário de Notícias* deu mais importância ao fato por sempre, de alguma forma, expor a sua opinião sobre aqueles acontecimentos. Mas em números de notícias publicadas o *Correio da Manhã* deu uma ampla abrangência quando comparado ao *Diário de Notícias*.

Também é importante ressaltar que, entre os anos de 1935 e 1937, o governo Vargas atuou em um clima de autoritarismo que, poucos anos depois, se desencadeou em uma ditadura: o Estado Novo implantado em 10 de novembro de 1937. Em função da luta contra o comunismo, prenderam-se todos aqueles que, de alguma forma, poderiam ser obstáculos para os planos do governo de Getúlio Vargas; desse modo, o governo utilizou-se largamente da Lei Monstro (1935). O anticomunismo serviu para disfarçar, de alguma forma, uma política repressiva contra os opositoristas. A Insurreição de 1935 refletiu algo importante para os movimentos sociais no Brasil: a formação de ideologias radicais e de esquerda visando transformações mais profundas na sociedade. Os dois anos seguintes, após 1935, foram marcados pela segura e gradual transição para uma ditadura de traços fascistas. Assustados com o “fantasma comunista”, a classe dominante e o alto oficialato apoiaram Getúlio Vargas.

O caso de Olga Benário é sem dúvida o mais emblemático; contudo, não é o único. Muitos outros cidadãos e cidadãs brasileiros – além de pessoas de outras nacionalidades - foram vítimas de perseguições políticas no Brasil dos anos 30. Pessoas de diferentes papéis na sociedade tiveram suas vidas abaladas e mesmo arruinadas pessoal e profissionalmente em função de suas crenças políticas. Passados mais de 80 anos da deportação de Olga Benário, continua sendo importante refletirmos sobre o arbítrio. Ainda mais nos tempos em que estamos vivendo.